

SOBRE AQUELAS SUNGAS APERTADAS E UNIFORMES DE COURO! REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS SOBRE SUPER-HERÓIS E SADOMASOQUISMO

Mário Jorge de Paiva¹

GT 12 - Literatura e Antropologia: ler, escrever e descrever como campo²

Resumo: O presente ensaio possui por base somar dois campos de estudo do autor em questão, o campo das representações do sadomasoquismo e as representações LGBTI+ em *comics*; aqui, então, o objetivo não é falar de um livro, mas de algo ainda mais marginal quando se trata de capitais legitimados, nos termos bourdieusianos, ou seja, quadrinhos. Nossa análise principal recairá no arco *Sums of our parts* (cf. PAIVA, 2022c) e como ele explora a reflexão de Robin sobre a dor e mesmo sobre o fato dele ser LGBTI+. Nos fiaremos em um rico aporte teórico sobre quadrinhos e sadomasoquismo, lembrando, inclusive, como nos últimos anos estamos de forma contundente lançando material acadêmico sobre o universo das representações LGBTI+ em quadrinhos (cf. PAIVA 2021a, 2021b, 2022a, 2022b, 2022c, 2023).

Palavras-chave: BDSM; Quadrinhos; Robin; Super-heróis.

Abstract: This essay aims to combine two of the author's fields of study: representations of sadomasochism and LGBTI+ representations in comic books. The objective here is not to discuss a traditional book, but rather a medium considered even more marginal in terms of legitimized capital, to use Bourdieu's terminology, comics. Our primary analysis focuses on the "Sums of Our Parts" story arc (cf. PAIVA, 2022c) and how it explores Robin's reflections on pain and his own LGBTI+ identity. We draw upon a rich theoretical framework regarding comics and sadomasochism, noting the significant body of academic work published in recent years concerning LGBTI+ representations in the medium (cf. PAIVA 2021a, 2021b, 2022a, 2022b, 2022c, 2023).

Keywords: BDSM; Comics; Robin; Superheroes.

¹ Doutor e mestre em Ciências Sociais pela PUC-Rio, atualmente é professor estadual da Diretoria de Ensino de Santos. E-mail: mariojpaiva91@gmail.com.

² Trabalho apresentado na 14ª Semana de Ciências Sociais da PUC-Rio no GT 12.

1. Introdução

Como podemos ver com Preciado (2025), há todo um papel do que as pessoas consomem enquanto leitura na construção de uma sociedade; e quando falamos leitura, aqui, estamos tendo por base que uma parte considerável da sociedade não está discutindo Sartre, Kafka, Camus etc., mas estamos falando de revistas como a *Playboy* ou as crônicas de Nelson Rodrigues ou ainda revistas de super-heróis. Muitas pessoas constroem seus imaginários com personagens como Superman, Batman, Robin e por aí vai. Logo, nem todos acessam de forma contundente os capitais mais “respeitáveis” da literatura ocidental e além (BOURDIEU, 2011).

Aqui, então, gostaríamos de fazer um cruzamento entre dois campos de estudos marginalizados, de um lado queremos abordar o universo de representações LGBTI+ (ANDREWS *et al.*, 2024) e do outro lado os quadrinhos; que muitos abordam como uma “literatura menor” e que já foi bem estigmatizada, como estudiosos do campo mostram, ver Chinen, Ramos e Vergueiro (2013).

Se acompanharmos Smee (2024), vamos ver, seguindo todo um aporte teórico que concorda com ele, que o campo dos quadrinhos norte-americanos pode ter vários elementos de uma normatividade cis e heterossexual. Porém, isso não barra o *queer* que certas leituras desviantes podem ver no material (DARIECK SCOTT; RAMZI FAWAZ *apud* SMEE, 2024). A mesma masculinidade exagerada, dos corpos viris de um padrão estético específico, pode ser, de modo paralítico, significada de outras formas. Esse é o ponto, o pânico moral dos anos 50 contra uma possível leitura homossexual de Batman e Robin não estava de todo errada.

O presente trabalho é uma análise qualitativa do material. Como um ensaio, nosso intuito não é, exatamente, provar ou refutar uma hipótese pré-formulada, mas apontar algumas coisas que já trabalhamos antes em nossas produções e mesmo apontar, talvez, futuros possíveis caminhos de análise.

Mais duas questões que merecem ser mencionadas, antes de avançarmos: primeira, já me perguntaram (durante um congresso) qual minha relação com a comunidade LGBTI+ e com o sadomasoquismo, por isso vale dizer que sou um homem, cis, bissexual, e que não sou sadomasoquista, mesmo que tenha interesse pela estética sadomasoquista, esse é meu *lugar de fala*, se assim podemos chamar; segunda, já fui questionado se eu não estaria fazendo uma leitura *trans-histórica* das personagens, como foucaultiano, entendo esse apontamento, mas não acho que esteja caindo muito nisso, pois realmente minha leitura das personagens é feita através

de problemas contemporâneos, porém tento criar um panorama histórico que mostre esta complexidade e variabilidade das personagens (não ignorando que minha agenda e questões são diferentes das existentes em 1930 ou 1980).

O ensaio se divide em quatro partes: possui introdução e conclusão; também possui um segmento mais teórico e histórico; e, há um segmento mais específico, falando do arco que aqui desejamos abordar como principal, no caso, o arco *Sums of our parts* de 2021 (PAIVA, 2022c).

Aqui, como parece claro, vamos considerar o sadomasoquismo erótico (AZEVEDO, 1998) algo que pode ser lido dentro do universo dos estudos *queer*, LGBTI+ etc. Uma abordagem que não é inovadora, mesmo que achemos que existem ainda poucos estudos sobre o sadomasoquismo no Brasil.

Um último comentário aqui, este texto foi inicialmente apresentado na 14ª Semana de CS PUC-Rio, mais especificamente no GT 12, Literatura e Antropologia (PUC-Rio, 2025), logo aqui gostaria de agradecer aos organizadores do GT, Maria Cândida Vargas Frederico e Nathanael Araújo, e ao debatedor, Ronaldo Oliveira de Castro, pelo frutífero diálogo; foi um congresso incrível.

2. Representações *queer* em quadrinhos e o universo do Batman

Como parece apontado por todo um aporte teórico (LENDRUM, 2004; CRUZ, 2017; DALBETO, 2015; SMEE, 2024), a história das representações LGBTI+ nos quadrinhos se deu de um modo lento inicial, nas primeiras décadas do século XX. Por isso, as personagens que poderiam estar dentro de tal sigla eram tratadas de modo, mais ou menos, cômico ou mesmo como tipos antagonistas contra a masculinidade “reta e direta” do herói.

Nos anos 30 e 40, o registro modal se volta para um mercado paralelo apenas de super-heróis gays e eróticos. Aqui estamos falando de publicações que não eram oficiais, vide certas pornografias, baratas e mal imprimidas, envolvendo personagens da Disney. A personagem Harry Chess, como uma paródia gay de personagens como 007, só surge nos anos 60. Já Brown Bomber, super-herói gay, adolescente e negro, é dos anos 70. Alan Moore aborda personagens homossexuais apenas nos anos 80 (SMEE, 2024).

Valendo apontar, mais uma vez, toda uma cruzada moralista dos anos 50 contra os quadrinhos e toda uma questão da autocensura, já debatida por tantos. Batman e Robin já estavam no “olho do furacão” nessa época. A ideia de duplas identidades, além da vida de luxos,

poderia induzir certas leituras de que era o relacionamento entre um homem maduro e um “novinho”; ver Figura 1.

A personagem Batman, na verdade, se permite várias leituras. Sua identidade ser fruto de um trauma, nunca superado, abre espaço para que possamos ler, inclusive, o Batman como um homem com um segredo amedrontador e uma homofobia internalizada. A própria figura do morcego, enquanto um totem ou animal de poder, pode ser lida como um símbolo de mistério, morte, renascimento, assim sendo uma figura polissêmica.



Fig. 1. Batman e Robin vivendo juntos, inclusive dormindo juntos. Fonte: CRUZ, 2017, p. 57.

O universo do Batman pode abrir margem para leituras, algumas *queer*, etc., sobre o que não está em tela ou nos quadros. Na falta de uma representação aberta, sempre há a possibilidade de uma leitura do que é “obsceno”, ou seja, aquilo que estaria “fora de cena”. Sempre tendo em vista que quadrinhos, até por serem vistos como uma mídia ainda meio infantojuvenil, causam certas comoções diante de algumas representações “sexuais”, mesmo quando a história em questão não é para um público infantil — como o caso da polêmica do pênis do Batman, ver Figura 2, ou da discussão, ironizada e alavancada por Zack Snyder, se o Batman faz ou não sexo oral, ver Figura 3.



Fig. 2. Pênis do Batman aparente na ilustração original de “Batman: Maldito”. Fonte: Acervo do autor.

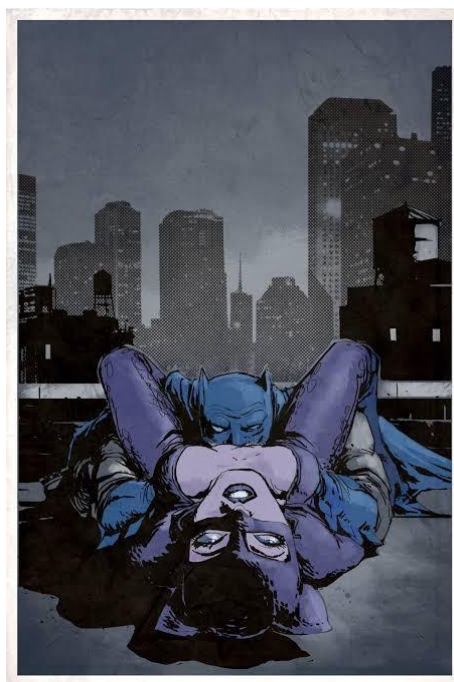


Fig. 3. Diretor Zack Snyder ironizou em 2021, com ilustração, fãs “puristas” na internet. Fonte: Acervo do autor.

Ao seu modo, os anos 80 foram certas explorações iniciais importantes, *queer*, no cenário central dos quadrinhos, como com a criação da personagem Extraño, que foi polêmica pelos seus exageros, irritando tanto os conservadores quanto os progressistas. Mas, nos anos 90, tais elementos ficaram devidamente “abertos” nesse campo principal dos quadrinhos, aqui

o caso paradigmático é Estrela Polar, da Marvel, que saiu do “armário”. Mesmo que muita coisa ainda pudesse ser problematizada, como bem aponta Cruz (2017).

Foi na década de 2000, em diante, que se fortaleceu o universo mais representativo que temos hoje. Vejam Smee (2024), foi em 2001 que ocorreu o primeiro beijo gay na Marvel; já em 2002 tivemos o primeiro casamento entre super-heróis gays, no caso, Apolo e Meia-Noite; 2003, em *Rawhide kid* vemos uma das primeiras “conversões” de uma personagem antes retratada como hétero, Billy Blue, recebendo uma releitura homossexual; em 2018 é criada a personagem Darkveil, primeira super-heroína *drag queen* da Marvel.

Um ponto que merece ser frisado então é a mudança, envolvendo uma paralaxe, diante da personagem Robin. Se antes tinha o medo, se assim podemos chamar, que ele representasse a homossexualidade da personagem Batman, algo que também rendeu muita chacota e piadas ao longo dos anos, hoje, por uma mudança da sociedade, mercado, etc., simplesmente se tornou possível e desejável para uma parcela do público consumidor que exista um Robin bissexual. Oh, isso vende bonequinhos *funko* de Robin com a Bandeira do Orgulho Bissexual! Mas, o ponto que tentamos apontar em trabalhos anteriores (PAIVA, 2023, 2024) é que ainda é conservadora, lenta, certa apropriação do universo LGBTI+, não é algo *queer*, no sentido de rebelde, contestatório, mas “assimilacionista”. Logo, Frank Miller (2011), poderíamos falar de modo irônico, mesmo usando elementos de uma masculinidade bem exagerada etc., é mais *queer*, rebelde, do que a personagem Jon Kent, com sua capa nova, ridícula, para homenagear a comunidade LGBTI+; não é sem razão que chamamos esse tipo de história, a de Jon Kent na edição especial anual *DC Pride*, de *kitschbaiting*, um neologismo e brincadeira crítica com o termo *queerbaiting* (PAIVA, 2023). Voltando ainda ao elemento da chacota contra o Robin, podemos lembrar dos filmes de Joel Schumacher. Se ele tivesse tido liberdade criativa, ele já não teria feito um Robin gay 30 anos atrás? Pois, o que é Chris O'Donnell como Robin? Ele já tinha 25 anos na época que Schumacher se tornou diretor da franquia cinematográfica, ele definitivamente não é um “menino prodígio”. É hora de relembrar mais o *queer coding* schumacheriano, mesmo que os filmes em si ainda sejam limitados.

Por isso tudo, esta possível relação entre Robin e o BDSM possui um potencial acontecimental (ŽIŽEK, 2017; PAIVA, 2024), rebelde, que ainda não foi perfeitamente explorado, em nossa leitura.

3. Robin, bissexualidade e sadomasoquismo

Não nos cabe aqui reprisar toda a história do sadomasoquismo; mesmo que ainda valha ler Leite Jr. (2000) e Moraes (1992, 2018). Mas, em termos simples, sadismo e masoquismo se referem aos elementos, não necessariamente somáveis, entre os universos literários de Sade (2005) e Sacher-Masoch. Em termos genéricos, o sadomasoquismo aborda um prazer na dor, na humilhação, na submissão etc. Mas, quando falamos de um elemento de sadomasoquismo erótico isso se refere ao universo de práticas baseadas em uma ritualização consensual, segura e sã; o que afasta tal universo das práticas mais sadianas propriamente ditas, porque muito da literatura sadiana envolve, exatamente, uma dor que não possui consenso.

O prazer na dor não nos parece um tópico muito explorado, abertamente, nas histórias em quadrinhos, isso vale também para as personagens do universo do Batman; mesmo que possamos ver muitos elementos de uma estética similar, que toca o sadomasoquista, com couro, vinil, máscaras, chicotes etc. Quando se fala de sadomasoquismo em quadrinhos muitas vezes é uma insinuação ou jocosidade, como o próprio modo como Alan Moore apontou para isso, vejamos a Figura 4.



Fig. 4. Comediante dando a entender que a outra personagem é sadomasoquista. Fonte: CRUZ, 2017, p. 89.

Eis um primeiro elemento para começar a somar tais “pontas”, um universo bissexual não exclui uma existência BDSM, como o próprio universo sadiano, em seus exageros, mostra. Logo, ao falarmos de Robin nós podemos falar de uma personagem bissexual e sadomasoquista.

Sobre a bissexualidade de Robin, o arco em questão aponta para isso em sua própria paleta de cores. Vejamos o uso de rosa escuro (magenta), azul-escuro e púrpura (lavanda); isso é uma referência interessante, e não tão óbvia, à bandeira do Orgulho Bi; ver Figura 5.



Fig. 5. Uso das cores da Bandeira do Orgulho Bi na história em que Robin abandona o “armário”.
Fonte: BELLAIRE *et al.*, 2022.

A trama aqui gira como a personagem Bernard, futuro namorado de Robin, estava interessada na questão da dor e como ela apareceu com equimoses, *welts*, em seus braços e pernas antes de ser sequestrada por um “culto especializado em dor”. Ou seja, mesmo que de forma indireta, a história aponta para elementos “fora de cena” de uma sexualidade sadomasoquista de Bernard. Ao seu modo, satânico, o mal aqui não foi algo que surgiu aleatoriamente, o mal na trama surge do próprio tédio e da própria curiosidade, desejo, diante de um desconhecido amedrontador. Assim, os vilões da trama, os Monstros do Caos, como os cenobitas de Clive Barker, foram chamados, foram, ao seu modo, “convidados”.

O desaparecimento de Bernard termina sendo o fio condutor para Robin entrar nesse universo sadomasoquista, de um “culto especializado em dor”. Um dos membros do culto diz que a dor ajuda com nossos desejos profundos, em algo que vá além do tédio. Tanto as discussões sobre o tédio quanto o “libertinismo” como um grupo fechado não são tópicos nada estranhos para a literatura sadiana, ou libertina (no geral). La Mothe Le Vayer, escritor libertino por excelência, falava da preferência pelo escuro de um “gabinete amigo” e por “assembleias privadas”, que iam contra o brilho da luz pública e da multidão tola.

Vejamos as duas próximas ilustrações, para observarmos a entrada da personagem Robin em um “culto de dor” e a personagem discutindo sua própria relação com a dor.



Fig. 6. Robin amarrado e apanhando, em uma cena análoga aos elementos de uma “pedagogia” libertina. Fonte: BELLAIRE *et al.*, 2022.



Fig. 7. A personagem Tim Drake falando que se sentiu bem ao abraçar a dor. Fonte: BELLAIRE *et al.*, 2022.

Por todos os elementos vistos, nossa conclusão é que diante de um universo ainda um tanto conservador, e pouco *queer*, só de haver uma história abordando, sem deboche, a bissexualidade, e o possível prazer sadomasoquista de Bernard ou Tim Drake, já é algo positivo. Mas mesmo assim, tais coisas são pouco exploradas e certos elementos estão “fora de cena”, o que abre espaço, na imaginação do(a) leitor(a), sobre uma série de tópicos.

Por estar dentro desse universo ainda com elementos conservadores, o sadomasoquismo aqui termina surgindo como algo ameaçador, noturno (mais uma vez vejam como a paleta de cores é trabalhada), perigoso. A sexualidade de Robin, em mais de um momento nessas revistas, é “tacanha”. Enfim, o sadomasoquismo aqui é “satânico”, como indicamos umas páginas antes; porém, lembrando que a palavra hebraica original que gerou o nome Satanás vem de algo que é contestador, algo que desafia, Satanás assim não é (necessariamente) um inimigo, mas um papel desempenhado, sendo o emissário (muito) necessário de Deus (ALMOND, 2021). Por isso, não é como se Bernard ou Robin pudessem dar vazão aos desejos e vivências sadomasoquistas. Há um potencial acontecimental aqui, mas que não se cumpre.

Nesses termos, quem sabe no futuro não tenhamos um Robin que aceite mais tal “medo satânico”, talvez luciferiano, em algum grau? Sempre lembrando que o perigo, o que assusta, pode desempenhar um papel importante na produção do desejo, isso, ao seu modo, justifica as, hoje bizarras, discussões sobre o tamanho do pênis do Diabo em certa Teologia clássica, ou se seu sêmen era quente ou frio; ver Almond (2021) ou Alexandrian (2025).

4. Considerações finais

Por tudo que mostramos, há polissemias possíveis em tais personagens. Logo, não é tão estranho pensar que diante de um homem musculoso, de sunga apertada, alguns leram isso como um modelo estético de masculinidade, enquanto outros olharam para a mesma coisa de forma sexual, um olhar de desejo. Aqui podemos pensar, como exemplo recente, as próprias fotos de bastidores do novo filme do Spider-Man, chama atenção o quão apertada é a vestimenta da personagem, ver Figura 8.



Fig. 8. *Print* de uma das fotos de bastidores do novo filme do Spider-Man. Fonte: acervo do autor.

Não é estranha dentro da comunidade gay a ideia de um homem mais velho se relacionar com um “novinho”. Assim, essa leitura de que Batman e Robin eram um casal, vivendo uma vida de luxo, não é certa e nem errada. Não há uma verdade objetiva aqui, até no sentido de que estamos falando de personagens que, no fim do dia, não existem, são ficções, abstrações, tinta e papel. O que é “canônico” e o que não é, em certos casos, é uma linha bastante arbitrária. A Disney veio e ao comprar uma marca alterou completamente o cânone da franquia *Star Wars*, por exemplo.

De qualquer modo, o que vimos aqui foram universos de exclusão, silêncio, marginalidade, que em algum ponto podem se entrecruzar. Bissexuais, sadomasoquistas, leitores de quadrinhos, esses, aos seus modos, não são o centro da literatura, ou o centro da masculinidade “certa”. A personagem Robin, enquanto um ajudante do Batman, com certos elementos repetidos ao longo do tempo, viveu um pânico moral na década de 50, viveu para ver também uma representação sua bissexual ser exaltada e ainda discutiu com tal questão do universo sadomasoquista. Tal Robin não é acidental, em nossa leitura, mas possuía potencial; ainda possui, no sentido de que Tim Drake é uma personagem que ainda pode ser mais trabalhada futuramente, por artistas mais rebeldes.

O presente trabalho por sua forma ensaística, e por ser algo visando uma apresentação em um Grupo de Trabalho (GT), termina sendo uma versão condensada, mais “rápida”, de tópicos que trabalhamos melhor em alguns textos anteriores, isso também vale ser dito.

Referências:

ALEXANDRIAN, Sarene. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ALMOND, Philip. *O diabo: uma biografia*. Petrópolis: Vozes, 2021.

ANDREWS, John *et al.* *O livro da história LGBTQIAPN+*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.

AZEVEDO, Gustavo Cravo de; Paiva, Mário Jorge de. Quanto imagináramos que teríamos um Superman e um Robin abertamente LGBTQIAPN+? *9ª Arte (São Paulo)*, v. 13, 2025.

AZEVEDO, Wilma. *Sadomasoquismo sem medo*. São Paulo: Iglu, 1998.

BELLAIRE, Jordie. *et al.* DC Pride: Tim Drake special. Burbank: DC Comics, 2022.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CHINEN, Nobu; RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs). *Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Criativo, 2013.

CRUZ, Dandara Palankof. *A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBTTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2017.

DALBETO, Lucas do Carmo. *SUPERGAY: Diferenças, singularidades e devir nas superaventuras da Marvel*. Dissertação (Dissertação em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, 2015.

LEITE JR., Jorge. *Elementos para uma história do conceito de sadomasoquismo*. Relatório final da bolsa de Iniciação científica PIBIC-CNPq do Projeto “Repercussões de Sade”. São Paulo: PUC, 2000.

LENDRUM, Rob. Queering super-manhood: the gay superhero in contemporary mainstream comic books. *Journal for the Arts, Sciences and Technology*, v. 2, n.2, 2004.

MILLER, Frank. *Batman: Cavaleiro das trevas*. Edição definitiva. São Paulo: Panini books, 2011.

MORAES, Eliane Robert. *Marquês de Sade, um libertino no salão dos filósofos*. São Paulo: Educ, 1992.

MORAES, Eliane Robert. *Sade, a felicidade libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2018.

MORRISON, Grant. *Asilo Arkham: uma séria casa em um sério mundo*. São Paulo: Panini books, 2012.

SADE, Marquês de. *The complete Marquis de Sade*. New York: Kensington Books, 2005.

PAIVA, Mário Jorge de. Análise de caso sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis: sobre a representação de Superman na edição especial *DC Pride 2022*. *Caderno eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 10, n. 2, p. 36-52, 2022a.

PAIVA, Mário Jorge de. Análise do sadomasoquismo erótico existente no mangá *My beloved Sadist*. *Revista Gênero*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 1-18. 2021a.

PAIVA, Mário Jorge de. Análise sobre representação LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis: sobre a personagem Robin em Batman: Urban Legends número 6. *Revista Sem Aspas*, v. 11, p. 1-20, 2022c.

PAIVA, Mário Jorge de. Análise sobre representação LGBTI+ em um quadrinho de super-heróis: Superman: Son of Kal-El. *9ª Arte*, São Paulo, v. 10, p. 1-20, 2022b.

PAIVA, Mário Jorge de. John Constantine e a questão homoafetiva: uma análise sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis e animações infanto-juvenis. *Revista Sem Aspas*, Araraquara, v. 10, p. 1-18, 2021b.

PAIVA, Mário Jorge de. Sobre Superman em *Super Pride*: conservadorismo e estética *kitsch* como elementos da representação LGBTI+ em quadrinhos americanos contemporâneos. *Aurora*, v. 16, n. 47, p. 152-170, 2023.

PAIVA, Mário Jorge de. Superman beijando um homem: um acontecimento žižekiano no campo dos quadrinhos? *Periódicus*, v. 3, n. 20, p. 77-90, 2024.

PRECIADO, Paul B. *Pornotopia: um ensaio sobre a arquitetura e a biopolítica da Playboy*. Rio de Janeiro: Zahar, 2025.

PUC-Rio. *GT 12 – Literatura e Antropologia*. In: 14ª Semana de CS PUC-Rio. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025.

SMEE, Guilherme. *SuperGays: mais de 180 super-heróis fora do armário*. Nova Iguaçu: Marsupial, 2024.

ŽIŽEK, Slavoj. *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.